

A EXPRESSÃO DA 2^a PESSOA DO SINGULAR: VARIAÇÃO E PERCEPÇÃO NUMA ABORDAGEM EXPERIMENTAL

Célia Regina dos Santos Lopes*
Thiago Laurentino de Oliveira**
Bruna Brasil Albuquerque de Carvalho***

Resumo: Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a variação entre as formas *tu* e *você* no português brasileiro (PB) e a percepção que falantes nativos, residentes no Rio de Janeiro, têm dessas variantes. Adotamos um viés experimental, por meio da aplicação de um teste que consistiu em julgamentos de aceitabilidade. Nossa hipótese central é que existem diferenças significativas de *aceitabilidade*, nos termos de Schütze e Sprouse (2013), do uso de *tu* e *você*, mesmo na fala carioca, em que as duas formas são empregadas, e que tais diferenças são motivadas por fatores sociopragmáticos. Como aparato teórico, adotamos a Sociolinguística Laboviana e a Pragmática Sociocultural. Os primeiros resultados evidenciaram um alto grau de aceitabilidade do *você* nos diferentes tipos de interação controlados no experimento. O mesmo não se verificou para o *tu*, que incitou um comportamento mais vacilante durante o julgamento.

Palavras-chave: Variação pronominal. Sociopragmática. Psicolinguística

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentre os grandes temas de investigação das pesquisas sociolinguísticas no Brasil, podemos dizer que a variação no uso pronominal de segunda pessoa do singular (doravante, 2SG) é um dos mais estudados nos últimos anos. Tal interesse reflete a complexidade do objeto, condicionado por fatores linguísticos, pragmáticos, históricos, geográficos e sociais.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. *E-mail:* celiar.s.lopes@gmail.com

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. *E-mail:* thiago.laurentinodeoliveira@gmail.com

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. *E-mail:* brunabrasil.ac@gmail.com

Conforme já assinalaram diversas pesquisas (RUMEU, 2008; MACHADO, 2006; LOPES, 2009), a expressão pronominal de 2SG no português brasileiro (doravante, PB) pode ser interpretada como fruto do sincretismo entre formas do paradigma de *tu* e da forma *você* (advinda do tratamento *Vossa Mercê*), que passa a funcionar como referência direta ao interlocutor via processo de gramaticalização.

Recentemente, Scherre et al. (2015) reuniram em seu estudo os resultados de inúmeras pesquisas já realizadas no Brasil acerca do tema, com o intuito de propor um mapa da variação entre *tu* e *você* no país. Conforme podemos notar na Figura 1, as pesquisas empíricas – na maioria dos casos, baseadas em amostras de língua falada obtidas por meio de entrevistas sociolinguísticas – fornecem dados para a descrição da variação de 2SG em termos de sua distribuição geográfica no Brasil. Os autores propõem a existência de seis subsistemas de tratamento diferentes no PB, a partir da concordância estabelecida entre o pronome sujeito (*tu* ou *você*) e o verbo:

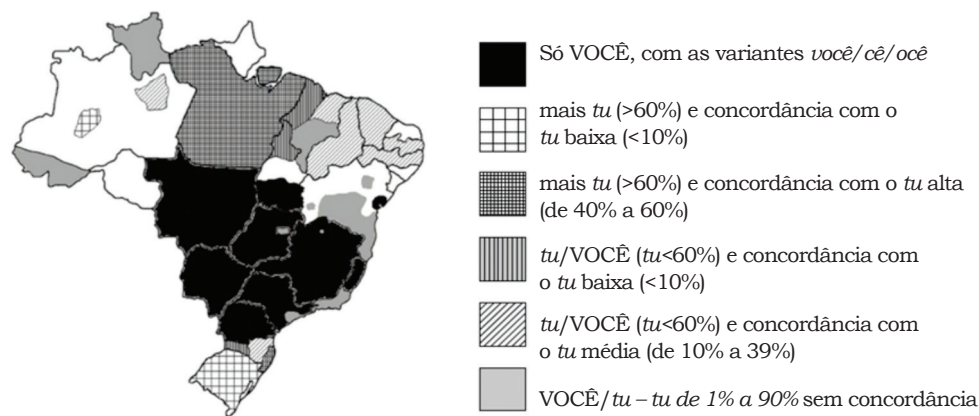


Figura 1 – Mapeamento da variação *você/tu* no PB

Fonte: Scherre et al. (2015, p. 142).

A visualização desse mapeamento proposto por Scherre et al. (2015) já deixa evidente a complexidade da variação entre *tu* e *você* pela sobreposição de, no mínimo, dois aspectos: o valor assumido pelas formas variantes em cada região e a presença ou não da concordância verbal canônica com o pronome mais antigo *tu* (*tu falas* versus *tu falaø*). A questão da concordância afeta sobremaneira a descrição e a análise do fenômeno em função da avaliação social negativa que a ausência da concordância verbal desperta entre os falantes na sociedade brasileira. Além disso, há ainda os problemas relacionados à recolha dos dados. Embora sejam formas interlocutivas bastante usuais, o modelo tradicional de entrevista sociolinguística de entrevistador-entrevistado não capta eficazmente esse tipo de dado, uma vez que a forma de 2SG aparece na pergunta formulada pelo documentador e não na fala do entrevistado. Os modelos alternativos¹ em

¹ Em estudo feito por Santana e Cardoso (2014, p. 4) sobre os pronomes *tu* e *você* nas capitais do Sudeste com base nos dados do Projeto

que o inquiridor cria situações hipotéticas para que o informante diga como trataria a pessoa X ou Y também não costumam ser eficazes.

Como tentativa de detectar o valor social assumido por essas variantes, estamos propondo, por um viés experimental, outra forma de análise para tentarmos identificar a percepção que os falantes têm dessas formas em variação. Para tanto, elaboramos e aplicamos um experimento psicolinguístico a fim de mensurar o grau de aceitabilidade das formas *tu* e *você* em posição de sujeito em diferentes contextos situacionais. Elegemos falantes naturais do Rio de Janeiro, por ser uma das localidades brasileiras em que as duas formas podem coexistir no mesmo contexto de uso. Temos por objetivo, neste artigo, reportar, além da metodologia criada para a aplicação de um teste psicolinguístico a um fenômeno eminentemente sociolinguístico, os resultados preliminares obtidos com os primeiros participantes.

Em relação ao experimento realizado, especificamente, interessa-nos controlar não só o grau de *aceitabilidade*² dos falantes cariocas diante das formas *tu* e *você*, como também observar se o tipo de relação interpessoal exerce influência na avaliação feita pelos indivíduos. Para tanto, adotamos como pressupostos teóricos desta investigação a Sociolinguística Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), a Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 2003 [1960]) e a Pragmática Sociocultural (BRIZ, 2004).

As questões da nossa pesquisa são as seguintes: primeiramente, aventamos a hipótese de que há diferença quanto à aceitabilidade das formas *tu* e *você* no Rio de Janeiro e que tal diferença sofre influência do tipo de relação que se estabelece entre os interlocutores. Desse modo, a variante *você*, devido ao seu caráter neutro (ver seção “A variação entre *tu* e *você* em dados de fala: o estado da arte”), seria amplamente aceita pelos falantes, nas mais diferentes relações interpessoais, ao passo que a variante *tu* apresentaria aceitabilidade relativa, fortemente condicionada por fatores sociopragmáticos, como o tipo de interação entre os interlocutores e os papéis sociais desempenhados por eles, a situação comunicativa em que se dá a interação, o grau de formalidade/familiaridade da relação etc. Assim, embora sejam formas variantes em determinados contextos de uso, a forma *você* teria valor socioindexical neutro (forma não marcada), enquanto a forma *tu* estaria associada a um grupo social específico ou a uma situação discursivo-pragmática determinada (atos diretivos de maior proximidade e identidade social na fala de jovens) (cf. LOPES et al., 2009).

Estruturamos este artigo da seguinte maneira: além desta primeira seção de considerações iniciais, traçamos um breve panorama dos estudos acerca da variação *tu* e *você* no Rio de Janeiro com base em dados de língua falada na seção “A variação entre *tu* e *você* em dados de fala: o estado da arte”; destacamos alguns aspectos concernentes aos pressupostos teóricos da pesquisa na seção “Alguns pressupostos teóricos”; descrevemos a metodologia desenvolvida para a aplicação

AlIB, foram identificadas apenas 3 ocorrências de *tu* na posição de sujeito em um universo de 1.348 dados. Os dados aparecem em discurso indireto (... *eu falei assim: “pra quê que tu tá limpando isso?”*) ou em respostas a perguntas de questionário, tais como: INQ: Agora se a chave caiu da bolsa de uma mulher idosa, como é que o rapaz chama a atenção dela? INF: *Senhora... a senhora dexou a sua chave cá. A sua chave caiu sem tu perceber.*

2 Estamos adotando, em nossa análise, o conceito de aceitabilidade discutido em Schütze e Sprouse (2013). Diferentemente da perspectiva chomskiana, que considera aceitáveis, ou não, sentenças gramaticalmente “boas” ou “ruins”, os autores consideram que a aceitabilidade é uma percepção que surge (espontaneamente) em resposta aos estímulos linguísticos que se assemelham a sentenças (ou seja, a sequências de palavras). O julgamento de aceitabilidade envolve explicitamente um pedido aos falantes para que “julguem” (i. e. relatem sua reação espontânea), se uma determinada sequência de palavras é um enunciado possível da sua língua com uma interpretação pretendida, implícita ou explicitamente.

do experimento na seção “*Tu e você em cena: metodologia para um julgamento de aceitabilidade*”; analisamos e comentamos os resultados preliminares do experimento na seção “*A variação em avaliação: primeiros resultados*”; encerramos as discussões levantadas acerca do tema nas “*Considerações finais*”.

A VARIAÇÃO ENTRE TU E VOCÊ EM DADOS DE FALA: O ESTADO DA ARTE

Os trabalhos realizados com dados da fala carioca (PAREDES SILVA, 1996, 2003; LOPES et al., 2009; SANTOS, 2012; LOPES; SANTOS, 2012) apontam que os índices do pronome *tu* (cujas ocorrências são todas sem desinência verbal canônica de 2SG) são menos frequentes que os de *você*. Nas entrevistas sociolinguísticas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (Peul) de 1980 e 2000 e nas gravações não ocultas da amostra do Banco de Dados Interacionais (BDI) de 89-90, os percentuais de *tu* não ultrapassaram 7%. Na amostra de Santos (2012, p. 63-70, 91, 109), entretanto, com gravações ocultas de conversas estimuladas em diversos bairros do Rio de Janeiro (centro da cidade, Tijuca, na zona norte, e em Campo Grande, na zona oeste), o uso de *tu* foi de aproximadamente 20%.

O estudo de Santos (2012) é bastante representativo pelo fato de a autora ter levado em conta perfis profissionais diferentes (ambulantes, vendedores, gerentes de banco e advogados) e regiões também distintas do Rio de Janeiro: centro da cidade, Tijuca (bairro conservador na zona norte) e Campo Grande (antiga região rural e distante do centro). As amostras foram organizadas seguindo uma metodologia similar usada por Labov (2008 [1972], p. 63-90): o entrevistador aborda um informante nas ruas ou em uma loja e pede orientação de como chegar a um determinado lugar ou como obter algum serviço. Trata-se de uma amostra constituída por sequências injuntivas, pois o entrevistado ensina o entrevistador a executar uma determinada tarefa. As questões gatilhos foram assim formuladas: *Como eu chego à rua X? Como eu posso revelar foto de câmera digital?* As respostas normalmente são iniciadas por uma das variantes: “*Tu/você vai por essa rua*”.

Santos (2012) obteve 397 ocorrências de pronome-sujeito com referência à 2SG, sendo 79 dados de *tu* (20%) e 318 de *você* (80%). Em termos da região, *tu* mostrou-se favorecido na região oeste com .843 de peso relativo. Os homens também favoreceram o emprego de *tu* com .650, enquanto as mulheres desfavoreceram tal forma considerada estigmatizada socialmente (.352). Até aqui os resultados confirmariam a hipótese geral observada na literatura de que as mulheres tenderiam a usar formas de maior prestígio social do que os homens (preferindo, nesse caso, *você*), o que asseguraria ou garantiria certo *status* na comunidade. Os outros dois grupos de fatores selecionados (profissão e nível de escolaridade) nos levam a outra linha interpretativa da variante *tu* sem concordância canônica. No que se refere, por exemplo, ao perfil profissional dos informantes, os resultados revelam apenas parcialmente o maior emprego de *tu* nas atividades de menor *status* social. Confirmaria o valor negativo de *tu* a sua maior produtividade na fala dos ambulantes (33% de frequência e peso relativo de .662). Entretanto, os advogados apresentaram também altos índices de *tu* tanto em termos percentuais quanto aos valores do peso relativo (.604). O nível de escolaridade poderia ser um fator

adicional para elucidar a questão. Entretanto, contrariamente ao que se esperava, os informantes com mais de 12 anos de escolaridade e com nível superior completo apresentaram os pesos relativos mais altos para *tu*: .529 e .527, respectivamente.

Como vemos, os resultados de Santos (2012) são relevantes para uma série de questões sobre os valores sociais assumidos por *você* e *tu* na variedade carioca: 1. os usos significativos do *tu* sem concordância canônica entre profissionais de prestígio social elevado e com alto nível de escolaridade apontam para uma generalização da variante na fala urbana do Rio de Janeiro, mas até que ponto esse resultado se refletirá na percepção que os falantes têm desse pronome? 2. o tipo de relação interpessoal (isto é, entre indivíduos pertencentes a categorias sociais e/ou socioprofissionais iguais ou diferentes) atuará sobre a percepção dos falantes quanto ao emprego de *tu* ou de *você*, o que ajudaria a entender os resultados inusitados de Santos (2012)?

A fim de tentar responder a essas questões, que emergem do confronto entre o uso e a percepção dos falantes, fundamentamos nossa investigação nos pressupostos teóricos expostos na próxima seção. Na sequência, descrevemos a metodologia construída para o estudo do fenômeno em questão por meio de um experimento psicolinguístico.

ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A preocupação com a percepção dos falantes em relação aos fenômenos linguísticos variáveis não é recente nos estudos sociolinguísticos. No ensaio de 1968, Weinreich, Labov e Herzog referem-se a essa questão como o *Problema da Avaliação* e o consideram uma importante propriedade da mudança linguística. Os autores defendem que a investigação de correlatos subjetivos aprofunda o entendimento dos modos como a categorização discreta dos falantes se impõe ao processo contínuo de mudança.

Os estudos sociolinguísticos geralmente dedicam-se mais à produção linguística, deixando em segundo plano, por vezes, a investigação acerca da percepção/avaliação³. A pesquisa nesse campo, contudo, é essencial para a formulação de explicações da mudança linguística, uma vez que

[...] não é difícil ver como os traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 103).

No caso específico da variação *tu/você*, os modelos recorrentes para avaliação dessas formas variantes tradicionalmente partem de um discurso metalinguístico com base em questionários que indagam sobre a forma mais ou menos adequada a uma pessoa com certo perfil social – um idoso, um profissional etc. (cf. BALSALOBRE, 2015). Nem sempre as respostas do informante correspondem ao que ele efetivamente produz pelo fato de as possíveis respostas se basearem em convenções sociais. Por essa razão, consideramos que métodos al-

3 Oushiro (2015, p. 32) distingue os conceitos de *avaliação* e *percepção*, entendendo que o primeiro se refere ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, enquanto o segundo relaciona-se a inferências feitas pelos usuários da língua ao ouvir outro falante, podendo essas inferências ser ou não conscientes. Em consonância com a autora, adotaremos tal distinção, assinalando que o experimento reportado no presente artigo consiste em um estudo de percepção.

ternativos, como o experimento proposto aqui, podem ser vantajosos para compreender como a comunidade de fala julga o uso de *tu* e *você* e quais valores sociopragmáticos podem estar atrelados a essas variantes.

No experimento aplicado aos participantes – que será detalhadamente descrito na próxima seção –, apresentamos diversos fragmentos de cenas de filmes e seriados, nos quais havia diversos tipos de relações sociais estabelecidas entre os interlocutores. A seleção desses tipos de relação respaldou-se na proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), que postulam um sistema bidimensional de Poder (P) e de Solidariedade (S). Nessa perspectiva, o Poder representa relações verticais, diferenciáveis ou não recíprocas (diferentes faixas etárias, gêneros ou posições hierárquicas institucionais). As relações estariam governadas pelo conceito de hierarquia que pode ser estabelecida em distintos níveis: pai-filho, professor-aluno, patrão-empregado etc. Se, ao contrário, existir uma relação horizontal ou recíproca, estamos no eixo da Solidariedade. Os estudos que trabalham à luz desses pressupostos discutem ainda que as sociedades contemporâneas estariam se tornando mais abertas e igualitárias, substituindo o eixo do Poder pelo da Solidariedade. Nesse sentido, haveria a diminuição da frequência de tratamento verticalizado e hierárquico em favor de um tratamento horizontal e recíproco.

Briz (2004, p. 80) considera que a Solidariedade se refere a relações de proximidade e simetria entre os interlocutores, que se negociam e se constroem na interação, independentemente do estatuto social. São relações mais simétricas aquelas em que existe, ou se percebe, igualdade funcional entre os participantes da interação, no que diz respeito ao papel assumido, tendo em vista o fato de terem a mesma idade, gênero ou profissão. Também se consideram fatores sociopragmáticos, para definir as interações de mais proximidade, aqueles em que os interlocutores têm mais experiências ou saberes compartilhados, maior grau de contato (físico ou ocular) e de compromisso afetivo. Esses elementos se encontram preferencialmente reunidos no caso das relações ditas *interpessoais*. Já as relações ditas *transacionais* são assimétricas por definição, pois o papel funcional, os direitos e as obrigações se apresentam de algum modo determinados e mais estritamente submetidos a convenções sociais.

Para o estudo da variação entre *tu* e *você* no Rio de Janeiro neste trabalho, relativizamos a dicotomia convencional estabelecida entre os eixos simétricos e assimétricos, tendo em vista o perfil de uma comunidade urbana contemporânea. Como já mencionamos, nossa hipótese norteadora é a de que a variante *você* tem valor socioindexical neutro (forma não marcada), e, por isso, é a opção mais utilizada em situações urbanas. Assim, o *você* seria preferido, mas não exclusivo, nas relações assimétricas. Em contrapartida, a forma *tu* só seria bem aceita em relações simétricas com forte intimidade, proximidade e identidade social entre os interlocutores.

TU E VOCÊ EM CENA: METODOLOGIA PARA UM JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

Para que fosse possível analisar a percepção dos participantes acerca dos pronomes *tu* e *você*, adotamos como metodologia experimental o julgamento de aceitabilidade (cf. DERWING; DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE; SPROUSE, 2013; KENEDY, 2015). Técnica bastante utilizada nas pesquisas psicolinguís-

ticas, o julgamento de aceitabilidade consiste em apresentar aos participantes enunciados que contenham o fenômeno linguístico de interesse e pedir a eles que respondam, por meio de uma escala de notas, o quão aceitáveis ou naturais são os enunciados.

A primeira diferença do nosso experimento em relação ao modelo tradicional do julgamento de aceitabilidade diz respeito à forma como os enunciados são apresentados aos participantes: geralmente, os pesquisadores colocam seu fenômeno de interesse dentro de uma frase, exibida em uma tela branca de computador, sem mais informações contextuais sobre o enunciado; já no experimento que desenvolvemos, esses enunciados aparecem contextualizados nas cenas dos filmes, como se fossem a sua legenda. Dessa forma, o aparecimento do pronome de 2SG nas frases está diretamente relacionado a interlocutores específicos que interagem em uma situação comunicativa também específica (no caso, são os personagens que aparecem na cena).

Essa opção metodológica nos traz duas vantagens. Primeiramente, a apresentação das variantes em forma de legenda resolve o problema da natureza dialógica da variável em foco, visto que *tu* e *você* são formas linguísticas típicas das sequências textuais de diálogo, que seriam mais difíceis de construir sem o auxílio do vídeo. Além disso, nosso experimento goza de maior *validade ecológica*, nos termos de Kenedy (2015, p. 144): “o fato de que os dados empíricos utilizados pelo linguista referem-se a algo que efetivamente existe no mundo real e não pode ser apenas um artefato criado pelo próprio pesquisador”. Acreditamos que, ao propor que os participantes assistam a cenas legendadas e emitam um juízo quanto à qualidade de uma das legendas segundo uma escala de notas, minimizamos os problemas relacionados à necessidade de abstração ou de consciência metalinguística. Além disso, os participantes avaliam indiretamente as variáveis em causa, pois são convencidos, durante a tarefa, de que estão julgando, na realidade, a legenda destacada em relação à situação presente no vídeo.

Outra decisão metodológica importante diz respeito às situações interativas nas quais apareceriam os pronomes de 2SG. Antes de selecionar as cenas a serem utilizadas, pensamos em vários contextos situacionais de maior e menor formalidade e com personagens que possuísem maior e menor intimidade entre si. Sendo assim, assistimos a diversas cenas de filmes e seriados e dessas, selecionamos 40 cenas que atendiam aos requisitos de simetria/assimetria entre os personagens e de (in)formalidade da situação. Expomos no Quadro 1 as situações e os tipos de interlocutores selecionados para o experimento, correlacionados aos pronomes que foram inseridos nas legendas:

Quadro 1 – Situações comunicativas e tipos de interlocutores selecionados para o experimento

VOCÊ		TU	
Relações simétricas	Relações assimétricas	Relações simétricas	Relações assimétricas
(1) Grupo de amigos conversando em um bar	(1) Professora e aluna em sala de aula	(1) Casal discutindo em apartamento	(1) Aeromoça e passageiro no avião
(2) Casal discutindo a relação na rua	(2) Médico e paciente no hospital	(2) Dois presidiários na cadeia	(2) Rapaz e menino em casa
(3) Casal de namorados jovens conversando	(3) Detetive e presidiário na cadeia	(3) Casal de namorados jovens na praia	(3) Sequestrador e vítima em área deserta
(4) Diálogo entre marido e mulher no altar do casamento	(4) Cliente e funcionária numa lanchonete	(4) Diálogo entre amigos de trabalho no escritório	(4) Cliente e funcionária na caixa do supermercado
(5) Dois amigos conversando no trem	(5) Advogada e juíza no tribunal	(5) Duas amigas em um bar	(5) Policial e motorista em blitz

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os vídeos foram retirados de seriados e filmes disponíveis *online* no site do YouTube. Todos eles foram recortados e editados. Na edição, o som foi apagado, visto que mantê-lo poderia desconcentrar os participantes durante o experimento. Além disso, também na fase de edição das cenas, estipulamos um tempo de duração aproximado de 15 segundos para cada cena, objetivando que o tempo total de duração do experimento não gerasse um desgaste excessivo nos participantes, o que poderia comprometer os resultados.

Posteriormente, elaboramos as legendas para serem adicionadas aos fragmentos de cena. Das 40 cenas selecionadas, 20 delas continham um pronome de 2SG (10 cenas com o *tu* e 10 cenas com o *você*), que aparecia sempre na última legenda de cada cena (exibida na cor vermelha). As outras 20 eram cenas distratoras, inseridas com o intuito de despistar os participantes quanto ao fenômeno investigado. A diferença, no entanto, entre as cenas experimentais e as distratoras é que nestas não havia pronome de 2SG (embora, como nas outras, a última legenda também aparecesse sinalizada na cor vermelha). Além da última legenda, as cenas traziam, em média, outras cinco, apresentadas na cor branca, com a finalidade de criar um pequeno diálogo para a situação representada na cena.

Após a fase de edição e legendagem, as cenas foram reunidas e programadas no *Psyscope* (COHEN et al., 1993)⁴, *software* gratuito bastante utilizado em experimentos psicolinguísticos. Por meio desse programa, as cenas puderam ser aleatorizadas, isto é, programadas de maneira que cada participante veria as 40 cenas em ordens diferentes. Além de registrar automaticamente as notas atribuídas pelos participantes, o *Psyscope* marca também o tempo que cada um deles levou para emitir sua nota.

Com todas as cenas devidamente programadas, começamos a aplicação da primeira versão do experimento. Os resultados que apresentaremos na próxima seção foram obtidos a partir do julgamento realizado por 15 participantes (7 homens e 8 mulheres), todos eles falantes nativos do PB e residentes na cidade do Rio de Janeiro. A faixa etária desses participantes variava entre 20 e 60 anos. Durante o treinamento, os indivíduos eram instruídos a assistir atentamente aos fragmentos – uma vez que não seria possível paralisar a exibição do vídeo ou rever a mesma cena – e, ao final de cada um, avaliar a qualidade da legenda de cor vermelha, levando em consideração o contexto em que ela aparecia. Essa avaliação foi feita por meio de uma escala numérica de 5 pontos (escala *Likert*). Sendo assim, eles deveriam atribuir Nota 1 (a mais baixa) para as legendas consideradas muito ruins em relação ao fragmento assistido. A Nota 5 (a mais alta) deveria ser atribuída às legendas consideradas muito boas em relação ao fragmento. Além dessas duas, havia ainda as notas 2, 3 e 4, intervalares entre os extremos da escala.

Os participantes levaram, em média, 10 minutos para avaliar as 40 cenas, excetuando-se 5 minutos iniciais, em que recebiam as instruções para a realização do experimento e avaliavam 4 cenas extras em caráter de treinamento. As notas eram acionadas por meio de um controle remoto, pelo qual os participantes também controlavam o início de cada nova cena.

Os resultados gerados a partir da avaliação dos 15 participantes e registrados pelo *Psyscope* foram organizados em uma tabela do Excel a fim de serem lidos pelo programa R (R CORE TEAM, 2013), ferramenta utilizada para os cálculos estatísticos e para a plotagem dos gráficos que serão apresentados na próxima seção.

A VARIAÇÃO EM AVALIAÇÃO: PRIMEIROS RESULTADOS

A partir das notas atribuídas pelos participantes às legendas, analisamos os primeiros resultados observando a correlação com o tipo de relação interpessoal presente em cada cena. Os gráficos 1 e 2 a seguir apresentam, no eixo horizontal, os percentuais de frequência relativos a cada nota (eixo vertical), contrastando o tipo de relação por nota atribuída. Os valores foram calculados pelo Programa R. Em termos globais, foram 300 dados (150 para *tu* e 150 para *você*) quantificados a partir da nota dos 15 participantes que realizaram o experimento e avaliaram 5 cenas de cada condição (i. e. *tu*-simétrico, *tu*-assimétrico, *você*-simétrico e *você*-assimétrico). Assim, temos 75 notas para cada uma dessas condições experimentais. Nos gráficos 1 e 2, organizamos a frequência de notas dadas pelos participantes:

⁴ Agradecemos ao professor doutor Eduardo Kenedy, da Universidade Federal Fluminense (UFF), pelo precioso auxílio nesta etapa de programação do experimento.

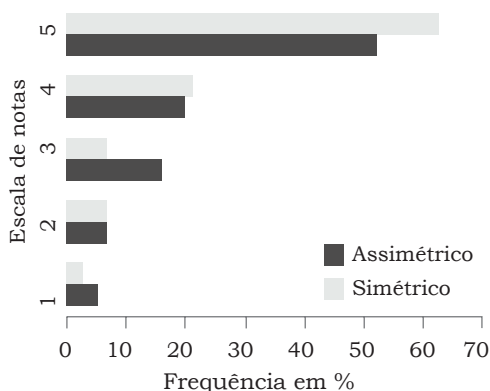


Gráfico 1 – Frequência de notas atribuídas pelos participantes às cenas contendo o pronome *você* segundo o tipo de relação (N = 150)

Fonte: Elaborado pelos autores.

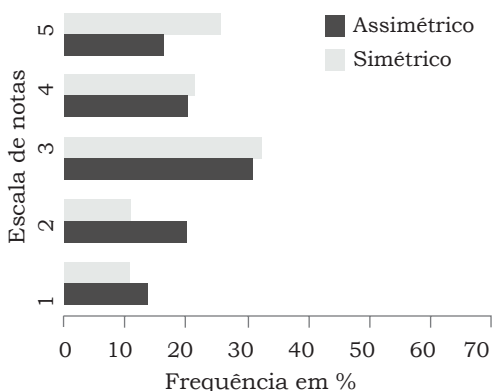


Gráfico 2 – Frequência de notas atribuídas pelos participantes às cenas contendo o pronome *tu* segundo o tipo de relação (N = 150)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação ao Gráfico 1, que apresenta as respostas quando o estímulo continha o pronome *você*, verificamos que as notas mais altas da escala (5 e 4) registram os maiores índices percentuais nos dois tipos de relação: 62,7% (47/75 julgamentos) e 21,3% (16/75 julgamentos) nas relações simétricas, e 52% (39/75 julgamentos) e 20% (15/75 julgamentos) nas relações assimétricas. Se somarmos os percentuais das notas mais altas (4 e 5), teremos um percentual de 72% (54/75) para *você* nas relações assimétricas e 84% (63/75) nas relações simétricas. Tal resultado sustenta a nossa previsão de que o pronome *você* seria bem avaliado, independentemente do tipo de relação.

No Gráfico 2, observamos que o pronome *tu* nas relações simétricas foi mais bem avaliado do que nas relações assimétricas, o que está de acordo com nossa previsão inicial: a nota 5 (mais alta da escala) registrou 25,3% de frequência (19/75 julgamentos) nas relações simétricas contra 16% (12/75 julgamentos) nas assimétricas. Entretanto, identificamos forte oscilação no julgamento realizado pelos participantes. Não houve uma polarização tão clara quanto aquela observada no Gráfico 1, visto que as notas estão distribuídas de maneira regular na escala. Dito de outro modo, ao reunir todas as notas atribuídas para as cenas contendo o pronome *tu*, não é possível visualizar um claro padrão de comportamento. Além disso, os maiores percentuais (32% (24/75) nas relações simétricas e 30,7% (23/75) nas relações assimétricas) situam-se na nota 3, um ponto intermediário na escala, o que dá indícios de que os participantes *não aceitaram* plenamente o emprego de *tu* nas cenas apresentadas.

Diante desse julgamento oscilante dos participantes em relação ao pronome *tu* nas cenas avaliadas, julgamos pertinente analisar qualitativamente todas as cenas utilizadas com esse pronome, uma vez que, sob o rótulo de “relações simétricas” e “relações assimétricas”, são abarcadas situações comunicativas marcadas por diferentes graus de formalidade e de intimidade. Sendo assim, fez-se necessário verificar as notas atribuídas para cada cena do experimento, a fim de identificar aquelas que receberam as maiores e menores notas.

Análise qualitativa do pronome tu: as notas mais altas e as mais baixas

Na Tabela 1, podemos identificar quais foram as notas atribuídas por cada participante para cada tipo de interação presente nas cenas de relações assimétricas:

Tabela 1 – Notas dadas pelos participantes segundo o tipo de interação nas cenas de relações assimétricas com o pronome *tu*. Em cada par de interlocutores, o primeiro é aquele que emprega o pronome.

Tipo de interação assimétrica /Nota atribuída	1	2	3	4	5	Média
(1) Aeromoça e passageiro no avião	4	5	2	2	2	2,5
(2) Rapaz e menino em casa	0	1	6	3	5	3,8
(3) Sequestrador e vítima em área deserta	1	3	5	4	2	3,2
(4) Cliente e funcionária no caixa do supermercado	3	2	6	2	2	2,8
(5) Policial e motorista em blitz	2	4	4	4	1	2,8
Total	10	15	23	15	12	3,05

Fonte: Elaborada pelos autores.

Observamos, na Tabela 1, que a cena 2 (“Rapaz e menino em casa”) recebeu as maiores notas da escala de julgamento: dos 15 participantes, 8 atribuíram as notas 4 e 5. Nessa cena, um adolescente oferece um chocolate a um menino mais novo, que rejeita alegando estar de dieta. Expressando indignação com a rejeição do menino, o jovem replica a resposta do menino dizendo “*Tu* não tem idade para fazer dieta” (Figura 2). Em se tratando de uma interação assimétrica, marcada pela diferença de idade entre os personagens, aliada ao baixo grau de formalidade que caracteriza a cena, percebemos que a maior aceitabilidade do uso de *tu* – mesmo sem a concordância canônica – parece estar, de fato, relacionada a fatores sociopragmáticos. Trata-se de um ato diretivo com forte proximidade e identidade social entre os personagens do sexo masculino.



Figura 2 – Cena “Rapaz e menino em casa” no momento em que aparece o pronome *tu*



Figura 3 – Cena “Aeromoça e passageiro” no momento em que aparece o pronome *tu*

Em contrapartida, vemos que a cena 1 (“Aeromoça e passageiro no avião”) recebeu as menores notas de julgamento: dos 15 participantes, 9 atribuíram notas entre 1 e 2. Nessa interação, o passageiro solicita à aeromoça a troca do seu assento durante o voo, e ela o repreende dizendo: “Sinto muito, mas *tu* vai ter que viajar aí mesmo” (Figura 3). Nesse caso, temos uma relação dita transacional, em que os papéis funcionais de cada personagem da cena são fortemente determinados por convenções sociais, ou ainda, nos termos de Brown e Gilman, caracterizam o que se pode chamar de uma relação de Poder. Dessa forma, o emprego do pronome *tu*, variante que denota menor formalidade e maior proximidade entre os interlocutores, foi menos aceito pelos participantes no julgamento. Passemos à Tabela 2, que exhibe as notas atribuídas para as cenas de relações simétricas:

Tabela 2 – Notas dadas pelos participantes segundo o tipo de interação nas cenas de relações simétricas com o pronome *tu*

Tipo de interação simétrica/Nota atribuída	1	2	3	4	5	Média
(1) Casal discutindo em apartamento	2	0	6	4	3	3,4
(2) Dois presidiários na cadeia	1	3	3	2	6	3,6
(3) Casal de namorados jovens na praia	2	0	8	4	1	3,1
(4) Diálogo entre amigos de trabalho no escritório	0	2	3	4	6	3,9
(5) Duas amigas em um bar	3	3	4	2	3	2,9
Total	8	8	24	16	19	3,4

Fonte: Elaborada pelos autores.

Dentre as cinco cenas em que foi apresentado o pronome *tu*, vemos que a cena 4 (“Diálogo entre amigos de trabalho no escritório”) recebeu as maiores notas no julgamento: dos 15 participantes, 10 atribuíram notas entre 4 e 5. Na referida cena, dois amigos, trajando roupas mais formais, conversam informalmente durante o expediente sobre uma colega do escritório que está saindo com o chefe. Enquanto um deles trata o fato com naturalidade e bom humor, o outro se mostra incomodado com o assunto. Percebendo a reação negativa do colega, o personagem que faz a fofoca dispara: “Se *tu* fosse o chefe, não pegava a Rita também?” (Figura 2).

No outro polo de aceitabilidade, encontramos a cena 5 (“Duas amigas em um bar”), que registrou o maior índice de notas baixas: dos 15 participantes, 6 atribuíram notas entre 1 e 2. Nesse caso, temos duas amigas jovens que conversam em um bar. Uma delas fala sobre seus problemas afetivos com o ex-namorado e a outra, incomodada com a postura de sua amiga, comenta: “Acho que *tu* se humilha demais!” (Figura 5).



Figura 4 – Cena “Diálogo entre amigos de trabalho no escritório” no momento em que aparece o pronome *tu*



Figura 5 – Cena “Duas amigas em um bar” no momento em que aparece o pronome *tu*

Como podemos observar, as duas cenas apresentam situações interativas com conteúdo semelhante. A cena 4 ocorre em um ambiente mais formal (o escritório de trabalho), enquanto a outra se dá em um ambiente mais informal (um bar). Porém, curiosamente, a cena 5 foi a que recebeu as menores notas, ao passo que a cena 4 foi mais bem avaliada pelos participantes. Qual seria a razão para percepções tão distintas entre duas relações simétricas próximas? Uma possível explicação baseia-se no fato de que na cena do escritório o diálogo ocorre entre dois homens, enquanto na cena do bar o diálogo se passa entre duas mulheres. Nesse sentido, parece que a variável sexo/gênero atua sobre o grau de aceitabilidade dos participantes em relação ao emprego da variante *tu*. Essa explicação, se estiver na direção correta, está em consonância com as conclusões de diversos estudos sociolinguísticos de produção que afirmam que as mulheres sempre empregaram mais o *você* do que o *tu* (RUMEU, 2008; SANTOS, 2012). Por isso mesmo, os participantes do experimento podem ter rejeitado o aparecimento dessa variante no diálogo entre duas mulheres, embora julguem como mais aceitável a ocorrência dessa forma em uma conversa entre homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os resultados evidenciam um alto grau de aceitabilidade do *você* nos diferentes tipos de interação controlados no experimento, o que sustenta estudos anteriores sobre a generalização do uso do *você* como forma não marcada. O mesmo não se verifica para a variante *tu*, que incitou nos participantes um comportamento mais vacilante durante o julgamento. Por meio das situações interativas controladas no teste, tornou-se evidente a complexidade atrelada ao emprego dessa variante, que parece estar fortemente condicionada a diferentes fatores sociopragmáticos. Já nesta análise preliminar, pudemos notar que a situação comunicativa, o grau de formalidade/familiaridade e o sexo/gênero dos interlocutores (que, no caso, eram os personagens das cenas) são aspectos que parecem interferir na percepção dos falantes quanto ao emprego do *tu*.

Dialogando com os resultados de Santos (2012), acreditamos que os resultados deste experimento de percepção elucidam alguns achados da autora, que lidou com dados de produção. Santos (2012) previa, em seu estudo, que indivíduos com maior grau de escolaridade e que exercessem profissões prestigiadas socialmente quase não produziram dados de *tu*, o que não se confirmou. À luz dos

dados de percepção, podemos pensar que, talvez, os fatores escolaridade e profissão não atuem tão decisivamente sobre a variante *tu*; em vez disso, o tipo de interação, a diretividade do ato discursivo em si e o grau de formalidade seriam condicionadores mais expressivos (vale lembrar que a pesquisadora interpelava os entrevistados na rua, informalmente, pedindo informação). Tal fato justificaria o registro dessa variante nas respostas de advogados e pessoas com nível superior.

Todas essas afirmações são ainda, contudo, hipóteses que vêm sendo formuladas e começaram a ser testadas. Além da replicação do experimento com um número maior de participantes, será necessário, também, em trabalhos vindouros, analisar com maior minúcia o grau de interferência e a significância dos fatores assinalados neste artigo. Até o momento, traçamos os primeiros passos de uma extensa agenda de investigação, que visa a ampliar o diálogo entre os estudos de produção e percepção no âmbito da variação pronominal de 2SG.

THE EXPRESSION OF THE 2ND PERSON SINGULAR: VARIATION AND PERCEPTION AN EXPERIMENTAL APPROACH

Abstract: In this work, we present preliminary results of a research about *tu* and *você* variation in Brazilian Portuguese (PB) and the perception that native speakers residents of Rio de Janeiro have of these variants. We adopted an experimental approach applying an acceptability judgement to 15 participants. Our central hypothesis is that there are significant differences among the acceptance of using *tu* and *você*, even in Carioca speech, in which both forms are used, and that these differences are motivated by social and pragmatic factors. We adopted Labovian Sociolinguistics and Sociocultural Pragmatics as our theoretical apparatus. The results of this experiment evidenced a high level of acceptance of *você* in the different types of interaction controlled in the experiment. This was not true for the variant *tu* that provoked in the participants a more insecure judgment.

Keywords: Pronominal variation. Sociopragmatics. Psycholinguistics.

REFERÊNCIAS

- BALSALOBRE, S. R. G. *Brasil, Moçambique e Angola: desvendando relações sociolinguísticas pelo prisma das formas de tratamento*. 2015. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127872>>. Acesso em: 27 out. 2016.
- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004. p. 67-93.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBOOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: The MIT Press, 2003 [1960]. p. 253-276.
- COHEN, J. D. et al. PsyScope: a new graphic interactive environment for designing psychology experiments. *Behavioral Research Methods, Instruments, and Computers*, v. 25, n. 2, p. 257-271, 1993.

DERWING, B. L.; DE ALMEIDA, R. G. Métodos experimentais em Linguística. In: MAIA, M.; FINGER, I. (Ed.). *Processamento da linguagem*. Pelotas: Educat, 2005. p. 401-442.

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015. p. 143-156.

LABOV, W. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In: LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. p. 63-90.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Org.). *Sujeito e linguagem: séries trilhas linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009. v. 17, p. 47-74.

LOPES, C. R. dos S.; SANTOS, V. M. Variation of 2nd person pronouns in Rio de Janeiro/Brazil: social stratification in large cities. Paper presented at Sociolinguistics Symposium 19 *Language and city*, Freie Universität Berlin, 2012.

LOPES, C. R. dos S. et al. *Quem está do outro lado do túnel? Tu ou você na cena urbana carioca*. In: *Neue Romania* des Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin. Munchen: Lincom GmbH, 2009. v. 39, p. 49-66.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 395 f. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAREDES SILVA, V. L. A variação você/tu na fala carioca. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO CONE SUL, 1., 1996, Porto Alegre. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2003. p. 160-169.

R CORE TEAM. R: a language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria, 2013. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. 2008. 928 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTANA, É. E. da P.; CARDOSO, S. A. Os pronomes tu e você para identificação do interlocutor: capitais do sudeste brasileiro com base nos dados do Projeto ALiB. In: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. de A. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores*. Londrina: UEL, 2014. CDROM.

SANTOS, V. M. dos. *“Tu vai para onde?... Você vai para onde”*: manifestações da segunda pessoa na fala carioca. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA, R. J.; SHARMA, D. (Ed.). *Research methods in linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2013. p. 27-50.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em julho de 2016.